

INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO REGULAR: INVESTIGAÇÃO DAS PROPOSTAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS DESENVOLVIDAS POR PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO ENSINO MÉDIO DA EENAV

GT 07 – Educação Matemática, avaliação e inclusão escolar

**Débora Spenassato – UPF – deboraspenassato@hotmail.com
Ms. Mariane Kneipp Giaretta – UPF – mariane@upf.br**

Resumo: Uma educação de qualidade, saúde, trabalho, cultura, entre outros, são condições essenciais ao ser humano, um direito de todos, porém por muito tempo as pessoas com necessidades educativas especiais tiveram estes direitos negados e, em especial, os surdos, que hoje lutam por direitos iguais, onde se reconheça sua cultura e sua língua, a Língua de Sinais. Esta pesquisa teve como questão norteadora a preocupação em saber como estão atuando os professores de matemática de classes regulares, cujas turmas são compostas de alunos surdos e ouvintes. Uma vez que este processo de inclusão ainda é recente e que muitos educadores não se sentem seguros em trabalhar com estes alunos em sala de aula. Assim, o objetivo que sustenta esta pesquisa consiste em investigar e analisar quais eram as propostas didático-metodológicas e estratégias desenvolvidas pelos professores de matemática do ensino médio da Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro (EENAV), de Passo fundo – RS, a fim de verificar se as mesmas possibilitam a inclusão de alunos surdos em turmas regulares. Para isso, inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os assuntos estudados e, posteriormente, foram elaborados dois questionários contendo questões abertas; um questionário dirigido aos professores de matemática destas turmas e outro questionário destinado aos alunos surdos. Após a coleta das informações, foram definidas categorias para proceder a análise dos dados obtidos, sempre confrontando-os com os estudos teóricos realizados. Constatou-se que os professores de matemática, sujeitos da pesquisa, demonstram preocupação com o ensino-aprendizagem de matemática, mas não utilizam metodologias diferenciadas em sala de aula para proporcionar uma aprendizagem significativa a todos os alunos e interação entre os colegas. Portanto, é necessário que seja desenvolvida metodologias diferenciadas, onde se trabalhe a diversidade e faça uso de materiais visuais. Além disso, cabe as instituições de ensino regular oferecer serviços de apoio especializado, como adaptação de material pedagógico, equipamento e currículo, profissionais especializados e adequação dos recursos físicos.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem de matemática, educação de surdos, inclusão.

Introdução

A atual política do Governo Brasileiro é incluir alunos com necessidades educativas especiais em turmas regulares. Neste sentido, como futura educadora, percebo que passarei por dificuldades quando assumir uma turma heterogênea contendo alunos surdos e ouvintes, pois, tanto eu quanto muitos dos professores ainda não nos sentimos preparados para trabalhar, pedagogicamente, com essas diferenças.

Preocupa-me que, ao assumirem essas turmas, alguns professores sintam-se limitados por não terem domínio ou desconhecerem metodologias e estratégias adequadas para o ensino

e aprendizagem de matemática para alunos surdos. Muitos alunos surdos sentem dificuldades e acabam desmotivados, sendo que alguns deles chegam até a abandonar a escola

Portanto, a presente pesquisa visa investigar e analisar quais são as propostas didático-metodológicas e estratégias, desenvolvidas pelos professores de matemática, do ensino médio, da Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro (EENAV) a fim de verificar se as mesmas possibilitam a inclusão de estudantes surdos em turmas regulares e uma aprendizagem significativa a todos os alunos.

A pesquisa iniciou com um levantamento bibliográfico para a construção da base teórica que subsidiaria o desenvolvimento do trabalho. Após, foram elaborados dois questionários contendo questões abertas: um dirigido aos professores de matemática de turmas com ouvintes e surdos, e outro, destinado aos alunos surdos. Sendo eles, três professores e três alunos surdos. As análises dos instrumentos foram feitas por categorias, onde foi necessário o auxílio da intérprete de libras para ser fiel às respostas desses alunos.

A *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, nº 9394/1996)* estabelece que os sistemas de ensino deverão assegurar, principalmente, professores especializados ou devidamente capacitados, que possam atuar com qualquer pessoa especial na sala de aula; pois não basta que o aluno surdo frequente uma sala de aula, mas que seja atendido nas suas necessidades, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas, valorizando o exercício da cidadania, o desenvolvimento do indivíduo e sua preparação para estar inserido nos variados contextos sociais.

Por outro lado, sabemos que a realidade da maioria das escolas apresenta um quadro diferente quanto à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, dentre esses, os surdos. Ainda há carência de salas apropriadas, de materiais, de recursos visuais, de metodologias e, principalmente, de professores especializados ou intérpretes, entre outros.

Educação de alunos surdos

Antigamente a surdez era vista como uma doença e como eles passavam muito tempo em instituições de surdos, a língua de sinais foi se desenvolvendo e foi construindo-se processos de identificação e diferenciação política e cultural. Hoje, em tempos de inclusão, as políticas educacionais pretendem uma maior qualidade da educação, seja em escolas específicas, seja em rede regular de ensino.

Ao longo das últimas décadas, as diretrizes contidas nas declarações, acordos internacionais, legislação, decretos, pareceres e resoluções, entre outros, provocaram

relevante mudança na área da educação em relação ao direito à educação, à participação e à igualdade de oportunidades para crianças, adolescentes, jovens e adultos, com o objetivo de oferecer-lhes uma educação de qualidade, na qual se atendam as necessidades básicas de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento de competências fundamentais necessárias para a participação na vida econômica, social, política e cultural do país.

Há muito que se fazer para que realmente essa inclusão aconteça, pois é um processo lento e precisa ser vista como um processo social que envolve todos que se preocupam em educar. A sociedade precisa se preparar para lidar com a diversidade humana, estar aberta a diferentes experiências, reconhecendo o potencial de cada cidadão e respeitando suas possibilidades e limites, pois muitas vezes nossa própria ação acaba excluindo as pessoas que consideramos diferentes de nós.

Segundo Mühl (2006, p. 8), a educação inclusiva consiste em um sistema de ensino de qualidade que atenda a todos, exigindo um novo posicionamento das escolas quanto à reestruturação, o aperfeiçoamento dos professores, de suas práticas pedagógicas, da reformulação das políticas educacionais e implementação de projetos educacionais inclusivos. Por sua vez, Fernandes (2006, p. 5), afirma que a escola inclusiva tem o compromisso com o respeito à pluralidade cultural e o acolhimento às diferenças individuais, o que implica reconhecer a diferença lingüística relativa aos surdos que, pela falta da audição, necessitam do acesso a experiências lingüísticas mediadas por uma língua que não ofereça barreiras à sua interação e aprendizagem: a língua de sinais.

A libras é uma língua de modalidade distinta das línguas orais “são línguas espaço-visuais, ou seja, as realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas através da visão e da utilização do espaço” (QUADROS, 1997, p. 46). Além disso, apresenta uma estrutura gramatical própria. Porém, tanto a criança surda como a ouvinte, tem capacidade de aprender a língua de sinais.

É muito importante para o desenvolvimento de uma criança surda a intervenção precoce, ou seja, nos primeiros anos de sua vida, para que ela adquira e desenvolva uma linguagem e, receba estimulação para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e físico. Por isso, a inclusão deve ocorrer desde a educação infantil.

Para o aluno surdo, é fundamental a presença de um intérprete de libras para mediar a comunicação em sala de aula. Porém, o professor deve estimular o aluno surdo a pensar, raciocinar; não deve lhe dar respostas prontas, ele precisa ser tratado como outro aluno qualquer, sem distinção. Sendo assim, o apoio dos colegas e a ajuda nas atividades é muito

importante, mas, muitas vezes o aluno surdo é deixado de lado nos questionamentos, nos debates, seminários, etc.

Em algumas escolas, o ensino é transmitido pelos docentes numa perspectiva tradicional, sem levar em consideração as limitações físicas ou intelectuais de seus alunos, ou seja, transmitem um ensino técnico, totalmente desarticulado da realidade dos alunos, fazendo com que os mesmos não tenham uma aprendizagem significativa, visto que o conhecimento é um processo em construção, e ainda, cada aluno apresenta uma forma diferenciada de ritmo que precisa ser respeitada.

Em cada classe haverá uma diversidade de cultura e conhecimentos. Portanto, caberá ao professor usufruir de estratégias como: desenvolver novas metodologias de ensino; utilizar recursos diferenciados e processos de avaliação adequados, como forma de tentar minimizar a desigualdade e trabalhar a diversidade.

Para que haja um ensino de qualidade para as pessoas surdas, Sant'Ana e Pereira (2005), nos dizem que existem três grandes correntes metodológicas utilizadas em sala de aula por professores, sendo elas:

[...] O oralismo que para muitos profissionais é o meio mais adequado de ensino dos surdos. Nessa metodologia de ensino a aprendizagem da fala é o ponto central. A comunicação total que se trata de uma proposta flexível no uso de meios de comunicação oral e gestual. O bilingüismo que visa assegurar o acesso dos surdos a duas línguas, no contexto escolar, ou seja, respeitar a autonomia da Língua de Sinais e da língua majoritária do país, no nosso caso o Português (não paginado).

Fernandes (2006, p.9) afirma que o ambiente bilíngüe ideal pressuporia o conhecimento da língua de sinais pelo maior número de pessoas na escola. Mas, devido ao processo de inclusão estar em construção, ainda demanda uma série de ações, como a oferta permanente de cursos de libras para a comunidade, o trabalho com as famílias, a reorganização da proposta curricular, etc. A curto prazo, existem algumas estratégias metodológicas e de organização do ambiente da sala de aula para facilitar a interação/comunicação:

- Combinar diferentes tipos de agrupamento de alunos, facilitando a visualização da sala toda pelo aluno surdo e sua conseqüente interação com os colegas (círculos, duplas, grupos, etc.).
- Introduzir métodos e estratégias visuais complementares à língua de sinais (alfabeto manual, gestos naturais, dramatização, mímica, ilustrações, vídeo/TV, retroprojeto etc.) no desenvolvimento das atividades curriculares, a fim de facilitar a comunicação e a aprendizagem dos alunos surdos.
- Planejar atividades com diferentes graus de dificuldade e que permitam diferentes possibilidades de execução (pesquisa, questionário, entrevista, etc.) e expressão (apresentação escrita, desenho, dramatização, maquetes, etc).

- Propor várias atividades para trabalhar um mesmo conteúdo (vivências, observações, leitura, pesquisa, construção coletiva, etc.).
- Promover a interação dos professores do ensino regular e da educação especial para o desenvolvimento de atividades tais como: orientações sobre formas de comunicação/interação com os alunos surdos, indicação de práticas pedagógicas alternativas, participação em Conselhos de Classe, entre outros (FERNANDES, 2006, p. 9).

Análise do instrumento de coleta de dados

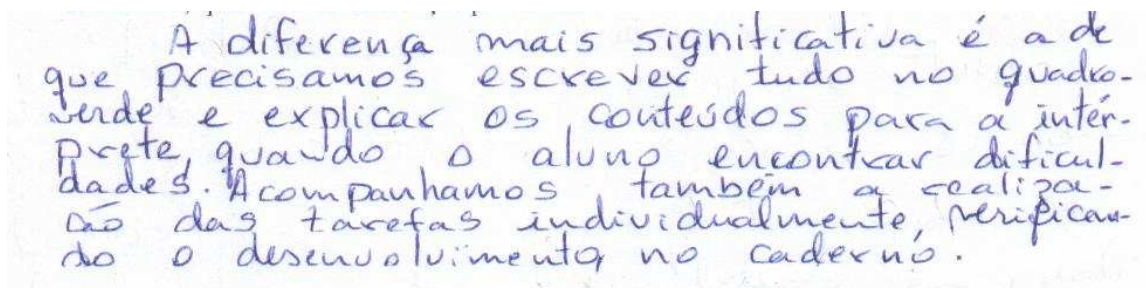
Os sujeitos envolvidos foram três professoras de matemática que ministram aulas para turmas com alunos surdos e ouvintes e, três alunos surdos das professoras citadas acima que se dispuseram à participar da pesquisa.

Na visão dos professores de Matemática

Dos professores de matemática que possuem alunos surdos em suas turmas regulares na EENAV, consultados na pesquisa, todos afirmaram não ter conhecimento e não se comunicam através da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Quando questionados sobre o sentimento a respeito da presença da intérprete e do aluno surdo em suas aulas de matemática, responderam que se sentem mais seguros com a presença da intérprete para a transmissão do conhecimento para o aluno surdo e preocupados em saber se ele realmente aprende conceitos básicos.

Quanto à interação percebida, pelos professores, entre os alunos surdos e alunos ouvintes no desenvolvimento das atividades de aula, eles afirmam que a interação é mínima ou quase inexistente.

Procuramos investigar se os professores de matemática da escola citada sentem diferença em trabalhar em turmas compostas de alunos surdos e ouvintes. Verificou-se que, os professores em sua totalidade percebem diferenças e justificaram que a presença da intérprete de sinais minimiza esta situação, mas que a aula torna-se mais lenta, que o modo de ministrar a aula é mais expositivo, e ainda,



A diferença mais significativa é a de que precisamos escrever tudo no quadro verde e explicar os conteúdos para a intérprete, quando o aluno encontrar dificuldades. Acompanhamos também a realização das tarefas individualmente, verificando o desenvolvimento no caderno.

Ao investigarmos se os professores modificam sua metodologia para atender as diferenças, uma professora respondeu que não modificava e justificou que quando surge dúvidas ela tenta esclarecer em conjunto com a intérprete. Outros professores responderam que modificam a metodologia procurando evidenciar com giz colorido os pontos mais

importantes do conteúdo para que eles visualizem melhor, e ainda, que não podem ditar os conteúdos, sendo necessário perguntar sempre para o intérprete se o aluno está entendendo.

Quanto à forma de organização da prática pedagógica para possibilitar a inclusão de estudantes surdos nas aulas de matemática, os professores afirmam que não modificam suas práticas pedagógicas nas turmas de surdos e ouvintes e que se sentem despreparados em relação a que tipo de metodologia utilizar, pois a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais ainda é novidade.

Percebemos que, embora alguns professores tenham conhecimento que os alunos surdos são mais visuais e que necessitam de metodologias para ensino-aprendizagem de matemática de forma diferenciada dos alunos ouvintes, que promovam a construção de conhecimentos, os mesmos não fazem uso em suas práticas pedagógicas.

Um dos fatores para que não haja mudança das práticas pedagógicas dos professores é o desconhecimento de metodologias mais adequadas a alunos surdos, uma vez que há uma carência na formação continuada que contemple esta defasagem metodológica. Outro fator importante é a falta de cursos de especialização na área de educação especial ou inclusiva.

Constatamos que a maioria dos professores não faz diferenciação na forma de avaliação da aprendizagem de alunos surdos e ouvintes. Eles avaliam seus alunos através de provas, trabalhos e, na realização da prova, o estudante surdo tem acompanhamento do intérprete e esclarecimento por parte do professor. Dois dos professores realizam também, um acompanhamento mais individualizado, atendendo a todos os alunos durante os exercícios propostos.

Quando se fala em avaliação na prática inclusiva, Santana (2006, p.122) nos diz que “a avaliação se concretiza como mediadora, diagnóstica, processual, de construção da aprendizagem e redefinição de práticas docentes, portanto, não tem um tempo pré-determinado para mostrar se o aluno aprendeu o que o professor ensinou”.

Buscamos conhecer a infra-estrutura disponível pela EENAV para atender os alunos surdos. Assim, segundo os professores, a escola dispõe de intérprete de libras e alguns outros materiais, como por exemplo, o computador, mas que não são muito utilizados; limitando-se apenas ao uso do livro didático e quadro de giz.

Na visão dos alunos surdos

Mais especificamente em relação à questão sobre a relação do aluno surdo com o professor de matemática e colegas ouvintes e, se solicitam e recebem auxílio dos mesmos quando necessário, obtivemos as seguintes considerações:

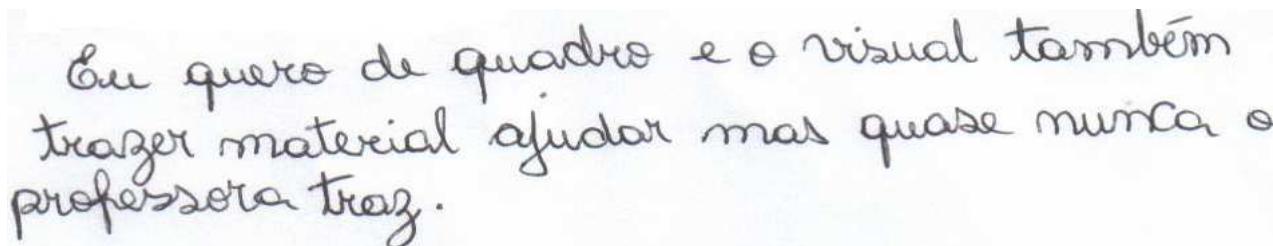
O aluno A afirma ser necessário que os professores e colegas aprendam libras para facilitar a interação entre os mesmos e salienta que a cultura dos ouvintes e de surdos é diferente na forma como se dá a aprendizagem. Outro aluno surdo afirma que já se acostumou com a inclusão, que a sua comunicação com colegas e professores é muito legal, pois eles o respeitam, conseguindo assim estabelecer uma comunicação e receber ajuda dos mesmos. O aluno C escreveu que entende as explicações com ajuda do professor, mas seus colegas ouvintes o ajudam pouco e, segundo ele, é importante e necessário este auxílio para uma melhor aprendizagem em matemática.

Podemos perceber que os alunos surdos, sujeitos da pesquisa, estão fora da faixa etária normal de sua série. Os alunos que tiveram em sua vivência escolar maior tempo com auxílio da intérprete no ensino regular, afirmam que a relação entre ouvintes e professores é boa, mas desejam uma maior interação com os colegas. Portanto, faz-se necessário que os colegas ouvintes e o professor aprendam um pouco mais sobre a cultura surda, possibilitando assim, que o aluno surdo se sinta realmente incluído no espaço escolar.

A experiência cotidiana vivenciada é muito importante para a aquisição de conhecimentos e os estímulos recebidos tornam as crianças mais criativas e com personalidade, críticas e pensantes. Assim, a aprendizagem se efetiva na interação com o outro, na troca de saberes. Rego (2002, p.74) complementa a idéia afirmando que,

[...] o tipo de escolarização vivenciada (as propostas pedagógicas desenvolvidas, o perfil do professor e o modo como lida com o conhecimento e com os alunos, o tipo de tratamento e expectativa depositada no estudante, as possibilidades de interações com os colegas, as experiências nos planos social, cultural, artístico e corporal promovidas ou impossibilitadas pela instituição) é um fator importante na definição da natureza do impacto sobre o indivíduo.

Em relação à metodologia e recursos utilizados pelo seu professor de matemática, os alunos surdos afirmam que, se o professor trouxesse mais vezes materiais visuais, teriam um rendimento melhor, pois tudo que é visual se tem mais interesse em aprender, conseqüentemente, seu aprendizado em matemática seria maior. Outro aluno manifesta-se afirmando que,



Eu quero de quadro e o visual também
trazer material ajudar mas quase nunca o
professora traz.

Este aluno afirma que além do uso do quadro, gostaria de uma metodologia que utilizasse

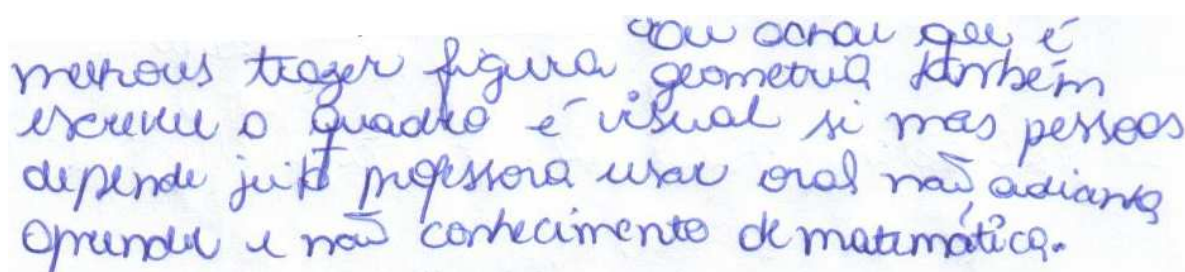
mais recursos visuais, pois isto o ajudaria para no entendimento do conteúdo. Porém, isso quase nunca ocorre.

Como podemos observar, os alunos surdos necessitam de uma metodologia mais visual, em que o professor faça uso de estratégias diferenciadas de ensino, não utilizando apenas o livro didático e o quadro de giz como recursos. Mas, pelo fato disso não ocorrer, os alunos acabam não apresentando muita curiosidade e interesse em aprender matemática, o que ocasiona dificuldades na compreensão de conceitos matemáticos e um desempenho não muito satisfatório.

Ao investigarmos se os mesmos gostam de estudar matemática e como classificam o seu desempenho nesta disciplina, obtivemos as seguintes respostas: o aluno A afirma gostar de matemática, possui boas notas. O aluno B afirma não gostar de estudar matemática, e suas notas são ruins, mas sabe que precisa tentar aprender e entender, pois a matemática é muito importante. O aluno C afirma que gosta razoavelmente e que para aprender matemática precisa estudar muito.

Quanto à importância do acompanhamento pedagógico oferecido pela escola para alunos com necessidades educativas especiais, os alunos surdos afirmam que é importante ter esse acompanhamento para as pessoas que apresentam maiores dificuldades. Portanto, cabe à escola oferecer atendimento especializado aos alunos surdos ou aos alunos que apresentam outros tipos de necessidades educativas especiais, pois estes profissionais devem ter “condições de auxiliar a escola, a comunidade escolar e o corpo docente com seus conhecimentos para que caminhem em direção à efetivação da inclusão” (SCHENEIDER, 2006, p. 201). Porém, isso ainda não acontece na maioria das escolas.

Para finalizar, os alunos surdos descrevem como gostariam de aprender matemática. Assim, afirmam que seria melhor se o professor fizesse uso de estratégias mais visuais, como podemos observar a seguir.



melhor ter figura geométrica também
exibir o quadro e visual se mas pessoas
depende just professora usar oral não adianta
aprender e não conhecimento de matemática.

O aluno afirma que seria melhor se a professora trouxesse figuras geométricas; que muitas vezes a utilização do quadro torna-se inadequada, pois alguns professores fazem uso

simultaneamente da linguagem oral e escrita, isso implica em uma confusão por parte do aluno surdo, na qual dificulta seu aprendizado em matemática.

Muitas vezes ao fazer uso de auxílios visuais, o professor deve tomar alguns cuidados, pois não é simplesmente utilizar um material por utilizar, é preciso ter um objetivo a ser alcançado com o que está pretendendo e, também, o professor não pode dar informações simultâneas como nos diz Leite,

É preciso despertar para o foco da aprendizagem do surdo, o canal visual, ou seja, só aprende o que vê, assim não consegue acompanhar informações simultâneas apresentadas por várias fontes. Assim é preciso que o intérprete e o professor atuem com coerência temporal, ou seja, primeiro o professor explora determinado conhecimento e depois a intérprete faz a tradução, podendo gerar um atraso no desenvolvimento dos conteúdos. Uma solução para esse fato seria professores usuários fluentes em LIBRAS (2007, p. 117).

Com isto, verificamos que a utilização de metodologias diferenciadas é fundamental em classes inclusivas, onde é destacado pelos alunos surdos a importância do uso de materiais visuais em sala de aula para uma melhor compreensão de certos conteúdos. Para complementar, na concepção de Santana (2006), o uso de material visual atende de forma concreta às necessidades e curiosidades dos alunos, estimulando-as a uma maior participação na construção de sua aprendizagem, tornando-o independente da professora e dos colegas para construir sua aprendizagem.

Considerações

O processo de aprendizagem exige motivação por estar ligado às relações de troca com o meio. Ou seja, colegas, professores, direção da escola e as demais pessoas que fazem parte do convívio do aluno surdo devem estar motivados para tanto. Cabe aos educadores promover situações que favoreçam a interação e o conhecimento, bem como contribuir para a diversidade e o desenvolvimento de habilidades intelectuais e do pensamento crítico e reflexivo, tornando os cidadãos mais aptos a conviver em uma sociedade cada vez mais exigente, garantindo direito de igualdade a todos, sem discriminação.

Mais especificamente, em relação à educação de surdos, identificaram-se alguns aspectos importantes com esta pesquisa. Concluiu-se que poucas são as propostas didático-metodológicas com características visuais desenvolvidas pelos professores de matemática em sala de aula; as aulas são expositivas e apenas é utilizado o giz colorido para evidenciar certos conceitos, o que pode ocasionar uma defasagem na aprendizagem efetiva do aluno surdo, bem como falhas no domínio de conteúdos básicos.

Ficou evidente que, os alunos surdos necessitam de uma metodologia diferenciada dos demais. Os professores devem fazer uso de recursos visuais sempre que possível em suas aulas para favorecer o aprendizado, sobretudo para os alunos surdos. Mas, infelizmente, essas estratégias não estão sendo levadas em consideração, uma vez que são pouco utilizadas pelos professores, segundo manifestação dos próprios alunos surdos.

São necessárias mudanças profundas nas práticas dos professores em sala de aula, necessitando capacitá-los para esse processo de inclusão, pois os mesmos não estão sabendo desenvolver metodologias adequadas que proporcionem uma aprendizagem significativa a todos, que propicie inclusão desses ao conhecimento, respeitando as competências individuais e as diferenças de cada aluno. Assim, pensamos que incluir não é só freqüentar a sala de aula; é preciso atendê-los em suas necessidades e favorecer uma educação de qualidade, pois muitas vezes o aluno surdo é deixado de lado nos questionamentos, nos debates, seminários, etc.

O papel do intérprete é fundamental neste processo de inclusão, pois o aluno surdo, que vem tendo um acompanhamento sistemático da intérprete de libras, apresenta maior facilidade em entender os conceitos matemáticos e possui um melhor aproveitamento da disciplina que os demais alunos surdos pela falta de domínio dos conceitos iniciais de matemática básica, que deveriam ter sido assimilados no ensino fundamental.

Para que a inclusão realmente aconteça na escola e na sala de aula, é importante que o professor e os demais colegas ouvintes conheçam mais sobre a cultura surda e busquem formas de estabelecer uma comunicação com os colegas surdos, seja através da libras ou outros meios de comunicação.

Evidencia-se, desta forma, que a escola busque novos recursos e apresente uma infraestrutura capaz de atender aos seus alunos com maiores dificuldades de aprendizagem. Para o aluno surdo, e os demais alunos com necessidades educativas especiais, o acompanhamento pedagógico especializado em turno inverso é necessário e também servirá para auxiliar os professores que não estão preparados para atender este alunado. Pois, em classes mistas, há necessidade de respeitar o ritmo dos alunos surdos que, em comparação aos demais colegas, possuem um ritmo mais lento no desenvolvimento de suas tarefas, uma vez que necessitam entender a explicação dos professores por meio da intérprete, e somente depois de concluída, copiam as anotações do quadro.

Devido aos estudos embasados nos autores citados ao longo do desenvolvimento do trabalho, será apresentado mais algumas sugestões e estratégias de como o professor deve trabalhar em sala de aula em práticas consideradas inclusivas, na tentativa de contemplar os

diversos estilos e formas de aprendizagem, além de estimular diferentes canais de aprendizagem.

- a estratégia em que, enquanto a professora escreve no quadro e explica oralmente para os alunos ouvintes, o aluno surdo deve prestar atenção e após copiar o conteúdo, não se torna significativa para o aluno, pois ocasionará uma defasagem no tempo em relação aos outros;
- na explicação, o professor nunca deve fazê-la de costas para os alunos, sempre de frente, possibilitando a leitura labial;
- o professor, ao escrever no quadro, não pode passar o conteúdo e falar ao mesmo tempo, visto que o aluno surdo ou escreve ou presta atenção na tradução da intérprete;
- organizar a sala em diferentes grupos e distribuir em fichas a atividade para os alunos, onde cada grupo deve escolher a forma de respondê-las e apresentá-las, seja utilizando cartazes, dramatização, música, texto escrito, gestos, objetos, desenhos, etc;
- levar para a sala de aula recursos como: material concreto, cartazes para colar na parede, revistas, livros, figuras, brinquedos, etc, relacionados ao conteúdo que será trabalhado.

Essas são algumas sugestões das quais acreditamos que os alunos surdos possam participar das aulas, pois há diferentes maneiras deles se expressarem, seja mostrando, escrevendo no quadro, escrevendo no caderno, entre outros meios de comunicação. Como os alunos surdos são muito visuais, eles necessitam desse tipo de atividade que lhes chame a atenção, nas quais eles possam participar ativamente e interagir com os colegas ouvintes, o que favorece o processo de ensino-aprendizagem.

Para concluir, é preciso romper barreiras do ensino tradicional, favorecendo de alguma forma a comunicação e possibilitando a participação do aluno surdo na construção de sua aprendizagem. Isso exige adaptações no currículo escolar e organização de uma didática favorável a este processo de inclusão de pessoas surdas em classes regulares.

Referências

FERNANDES, S. *Educação bilíngüe para surdos: desafios à inclusão*. Texto Elaborado para o 4º Encontro: Grupo de Estudos – Educação Especial. 2006. Governo do Paraná, Departamento de Educação Especial. Disponível em:
http://www8.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dee/grupo_estudo_surdez2006.pdf
Acesso em: 22 jun. 2008.

LEITE, M. D. “*Design da interação de interfaces educativas para o ensino de matemática para crianças e jovens surdos*”. Dissertação (Mestrado do Curso de Ciência da Computação – Centro de Informática), UFPE, 2007. Disponível em: http://www.bdttd.ufpe.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2991
Acesso em: 01 out. 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. *Legislação Específica e Dados da Educação Especial*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp>. Acesso em: 25 jun. 2008.

MÜHL, E. Apresentação. In: SCHNEIDER, R. *Educação de surdos: inclusão no ensino regular*. Passo Fundo: Editora UPF, 2006.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REGO, T. C. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. R. e REGO, T. C. (Orgs.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002, p.47-76.

SCHNEIDER, R. *Educação de surdos: inclusão no ensino regular*. Passo Fundo: Editora UPF, 2006.

SANT’ANA, C. C.; PEREIRA, H. S. Como é o ensino de matemática para surdos em Vitória da Conquista. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA, 3, 2005, Canoas. *Anais...* Canoas: Universidade Luterana do Brasil, 2005., 1 CD-ROM.

SANTANA, M. Z. *Experiências didático-metodológicas de professores de classe comum/regular com alunos surdos*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Disponível em: http://www.bdttd.ufpe.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1343
Acesso em: 07 out. 2008.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. Vice-Reitoria de Graduação. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional e textos legais complementares*. 4. ed. Passo Fundo: UPF, 2005.